

O cotidiano da zona rural de Cianorte, nas memórias de Braz Ponce Martins (1953-1969)

Gelise Cristine Ponte Martins¹
Moisés Wagner Franciscan²

Resumo

O presente artigo analisa o cotidiano dos primeiros agricultores da região de Cianorte, com base na autobiografia de Braz Ponce Martins. A escolha desta fonte se justifica pelo fato de que as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo e ilustram formas típicas de comportamento. Logo, as memórias de Braz Ponce Martins não são exclusivamente dele, mas de sua família e amigos, revelando a história da comunidade à qual pertenceu. A fim de inserir a trajetória de Braz e sua família em seu contexto histórico, discorreremos sobre a fundação e o desenvolvimento inicial de Cianorte. Na análise das memórias, destacamos as narrativas que descrevem como adquiriram as terras, as formas de pagamento, desbravamento das matas, e a rotina da família.

Palavras-chave: história regional; cotidiano; memória.

Abstract

Our goal is to analyze the daily lives of the first farmers of Cianorte, based on the biography of Ponce Braz Martins (2003). The choice of this source is justified by the fact that biographies of ordinary individuals concentrate all the characteristics of the group and illustrate typical ways of behavior. This way, Ponce Braz Martins' memories are not only his but also of his family and friends, revealing the history of the

¹ Professora de História da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Mestra em História pela Universidade Estadual de Maringá.

² Professor de História da Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá

community to which he belonged. In order to enter the path of Braz and his family in their historical context, we discussed the founding and initial development of Cianorte. In the analysis of memories, highlight the narratives that describe how it was acquired the land, forms of payment, clearing of forests, and the family routine.

Keywords: Regional History, Everyday Life, Memory.

As memórias de Braz Ponce Martins: breves considerações teórico-metodológicas

O presente artigo analisa o cotidiano dos primeiros agricultores da região de Cianorte, com base na autobiografia de Braz Ponce Martins, *Memorial de um século de cafeicultores* (2003). O livro conta a história de uma família de imigrantes espanhóis que vieram trabalhar nas plantações de café do oeste paulista, em fins do século XIX. De colonos, tornaram-se pequenos proprietários na década de 1910 e migraram para o norte do Paraná no início dos anos 30, seguindo a famosa “marcha para o oeste”, que consistia na busca de terras ainda não esgotadas pelo processo predatório de cultivo do café, que do oeste paulista alcançou o norte paranaense³ (BELLOTTO, 1992). Em 1938, a família se estabeleceu em Rolândia, mudou-se para Londrina em 1945 e, em 1959, para Cianorte, acompanhando o rastro dos loteamentos efetuados pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP)/Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).⁴

Primeiramente, segue-se uma breve biografia do autor e as condições em que foram redigidas suas memórias. Braz Ponce Martins nasceu em 21 de abril de 1929, na cidade de Promissão, no estado de São Paulo. Sua autobiografia começou a ser redigida no ano 2000, na máquina de datilografar. O resultado foi um livro de 128

³ A introdução da ideia de marcha para oeste nas representações do norte do Paraná foi realizada por vários agentes, durante o Estado Novo, sendo que a própria CTNP iniciou este processo. Por um lado, não faltavam na assessoria de Vargas aqueles que apoiassem participação das companhias particulares no movimento, ainda mais a CTNP, considerada um exemplo de dinamismo e modernidade colonizadora. Por outro, a CTNP e o grupo instalado no poder local procuravam se ajustar ideologicamente ao novo regime (ARIAS NETO, 1998).

⁴ A Companhia de Terras Norte do Paraná foi fundada em 1924, por um grupo inglês que obteve concessões do Estado entre os rios Paranapanema, Ivaí e Tibagi. Vendida a um consórcio brasileiro em 1947, tornou-se a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (ALBUQUERQUE, 1995).

páginas, publicado em 2003, por uma pequena gráfica do município de Cianorte, no noroeste do Paraná. Foram distribuídos duzentos exemplares para familiares e amigos, na sua festa de aniversário de 74 anos. Braz faleceu no dia 9 de junho de 2004, acometido por um câncer generalizado.

O memorial corresponde a duas faces de uma moeda. De um lado a minha biografia retirada de minhas remotas lembranças de quase setenta anos. Contarei a origem de nossos pais, de nossa família, de minha vida e de meus filhos; dos bons e maus momentos vividos, e de outro lado, a nossa família como cafeicultores até os dias atuais (PONCE MARTINS, 2003, p. 4).

Como a trajetória de vida deve ser organizada cronológica e coerentemente (SANTOS, 2005), dividimos a narrativa em quatro momentos distintos: a história das origens, os relatos das aventuras infantis, da juventude e da fase adulta. Entretanto, deixamos claro que esta não foi a intenção do autor, mas o meio encontrado para facilitar a confrontação dos dados históricos extraídos do relato, com a bibliografia levantada sobre os temas que este incita. Devido às limitações deste artigo, abordaremos somente as lembranças da fase adulta relacionadas à Cianorte.

A escolha desta fonte justifica-se diante da assertiva de que as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo e ilustram formas típicas de comportamento (ALBERTI, 2005). O que se deve ao fato da memória individual não estar isolada, fechada. Para evocar seu próprio passado, o indivíduo tem a necessidade de apelar às lembranças dos outros, a pontos de referências que existem fora dele, na sociedade. A memória autobiográfica se apoia na memória coletiva, pois toda a história de vida faz parte de uma história geral (HALBWACHS, 2004). Portanto, as memórias de Braz não são exclusivamente dele, mas de sua família e amigos, revelando a história da comunidade à qual pertenceu.

Analisamos a narrativa memorialística conforme o conceito de ilusão biográfica de Pierre Bourdieu (2001), segundo o qual, ao expor suas memórias, o indivíduo seleciona certos acontecimentos em detrimento de outros e estabelece entre eles conexões a fim de dar-lhes coerência, gerando sentidos a partir de uma retórica ordenadora da descontinuidade do real. Trata-se de um esforço de representação, de produção de si mesmo, de um discurso formulado com um determinado objetivo, num momento posterior e afastado da dinâmica dos acontecimentos.

Ao eleger o café como eixo central da narrativa, o autor direciona sua trajetória ao fim específico de se tornar proprietário de terras. Demonstra como a sua família fugida da miséria na Espanha, consegue ascender socialmente nas novas frentes. Braz se representa como pioneiro desbravador⁵ e escreve sua história de vida como um enredo, em termos de ascensão da miséria à riqueza.⁶ Memória que se entrelaça ao imaginário da colonização do norte do Paraná, caracterizado pelas representações da “Terra da Promissão”, do “Eldorado Cafeeiro”, da “terra onde se anda sobre dinheiro” e pela ode ao pioneirismo.

A leitura de uma história de vida não é uma tarefa simples, necessita, em primeiro lugar, da delimitação de um problema de pesquisa (SANTOS, 2005). Em segundo, é imprescindível reconstruir o contexto em que age o indivíduo (LEVI, 2001). Pois, até a mais subjetiva das fontes, tais como uma história de vida individual, podem sofrer uma crítica, por cruzamento de informações obtidas a partir de fontes diferentes (POLLAK, 1992).

Como nossa problemática de pesquisa centra-se na análise do cotidiano dos primeiros agricultores de Cianorte, a partir da autobiografia de Braz Ponce Martins, fizemos uma breve discussão acerca do cotidiano como objeto histórico⁷ e inserimos a narrativa no contexto de fundação e desenvolvimento inicial da cidade de Cianorte.

⁵ “[...] pioneiro da Cariáçu [...] pioneiro de Jesuítas. A cruz de ser desbravador é muito pesada” (PONCE MARTINS, 2003, p. 81). Braz enaltece sua história e a de seus familiares, ao representar a si e a estes como heróis que travaram uma luta árdua contra o desconhecido, desbravando terras inóspitas. O pioneirismo é muito valorizado pela História Regional. O grupo pioneiro no norte do Paraná partilha de um conjunto de representações e de uma memória comum, caracterizada por uma atribuição de valores de heroísmo à ação colonizadora com base na livre iniciativa, capitaneada pela CTNP (ADUM, 1992).

⁶ A classificação tradicional das autobiografias como verdadeiras ou mentirosas foi gradualmente sendo substituída por uma abordagem mais sutil que leva em conta as convenções ou regras de autoapresentação em uma dada cultura, a percepção do “eu” em termos de certos papéis (o nobre honrado, a esposa virtuosa ou o artista inspirado), e a percepção das vidas em termos de certos enredos (a ascensão da miséria à riqueza, por exemplo, ou o arrependimento do pecador convertido) (BURKE, 2008).

⁷ A História do Cotidiano é uma corrente nascida na França, na década de 1960. Sua proposta é bem simples: enxergar a realidade sob a perspectiva das pessoas comuns e das práticas, hábitos e rituais que caracterizam o dia a dia delas, tirando o foco dos grandes nomes e acontecimentos políticos e econômicos e voltando-o para a riqueza que está próxima de todos, impregnada pela aparente banalidade do cotidiano. Investigar, por exemplo, como os cidadãos viviam, namoravam, noivavam e casavam, moravam, se divertiam, eram educados, nasciam e morriam (RAMALHO, 2002).

A ênfase concedida às práticas cotidianas, no estudo das memórias, justifica-se diante do fato dos historiadores terem dedicado poucas reflexões ao tema do cotidiano e de seu lugar na História. “Há uma acusação forte de que o cotidiano sempre ficou à margem de concepções totalizantes que remetem a explicação da realidade social às estruturas que modelam e cristalizam a sociedade global” (CHIZZOTTI, 1992, p. 97).

Adotamos a perspectiva de Ferraço (2003), segundo a qual, devemos assumir os sujeitos cotidianos não só como sujeitos da pesquisa, mas, também, como nossos autores, reconhecidos, do mesmo modo como assumimos Lefebvre, Ginzburg, Certeau... Ou seja, os discursos elaborados e compartilhados por esses sujeitos cotidianos precisam ser pensados não como citações e/ou exemplos dos discursos dos autores que estudamos nas academias, mas como discursos tão necessários, legítimos e importantes quanto destes. Assim, não se trata de usar fragmentos, trechos, das falas desses sujeitos apenas como ilustrações.

Fundação e desenvolvimento inicial de Cianorte (1953-1975)

O patrimônio de Cianorte foi fundado em 26/07/1953, pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que, antes da demarcação, já cuidava destas terras enviando fiscais e fazendo aberturas nas matas. O primeiro ponto de apoio para a abertura da cidade, chamada de “15 alqueires,” localizado na cabeceira do ribeirão Cristalina, data de fins de 1948, onde a CMNP construiu uma serraria. Através da Lei Municipal n.º 12 de 25/04/1955, Cianorte tornou-se distrito de Peabiru. Em 13/07/1955, por meio da Lei Estadual n.º 2.412, foi elevado a município (CIOFF *et al.*, 1995).

Cianorte compõe um dos núcleos básicos na rede de cidades estabelecidas pela CMNP, distanciadas cerca de 100 km uma das outras e destinadas a serem grandes centros. Sua colonização efetivou-se com a divisão e venda das terras em pequenos lotes e a facilidade de pagamentos (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1975). Eram vendidos lotes de 3,5 até 20 alqueires na área destinada ao café e de 50 até 100 alqueires na área destinada às pastagens. O comprador dava de 20 a

30% do valor como entrada e o restante do pagamento era parcelado em quatro anos, com juros de 8% ao ano (CIOFF *et al.*, 1995).

Em Cianorte repetiu-se o fenômeno das frentes pioneiras do norte paranaense,⁸ graças à qualidade das terras e à cultura cafeeira, que promoveu um imenso tráfego de pessoas (CIOFF *et al.*, 1995). Confiantes na idoneidade da CMNP, os colonos eram atraídos pela euforia da expansão econômica. Embora esta estivesse mais no discurso da Companhia e no empenho dos pioneiros em fazer prosperar o município, do que propriamente nos resultados. Pois, a colonização de Cianorte, pertencente à mesorregião geográfica noroeste paranaense, apresentou certas particularidades, decorrentes do tipo de solo mais arenoso e de sua ocupação tardia (BATALIOTI, 2004).

Cianorte se localiza entre os rios Ivaí e Piquiri, em uma região conhecida por arenito caiuí, de sedimentação eólica, sujeito ao processo erosivo. Desde a década de 1960, a cidade sofre a formação de voçorocas, rasgões profundos no solo, ocasionados pelo escoamento das águas superficiais, em áreas de maior inclinação e menor cobertura vegetal. A incidência de terra roxa, originária de derrames vulcânicos, própria ao cultivo do café, ocorre apenas no nordeste do município (CIOFF *et al.*, 1995).

A exaltação da fertilidade das terras no início da ocupação deveu-se ao fato de estarem num ecossistema integrado, visto que as matas ainda cobriam a maior parte da região. Devastada a floresta, o solo não tinha mais a mesma proteção (TOMAZI, 1997). No caso do arenito caiuí, as raízes das árvores bloqueiam a desagregação dos grãos de areia pouco sedimentados, impedindo que o solo seja carregado pelas enxurradas. A destruição das matas também possibilitou a entrada do frio da frente polar que se estendeu no inverno sobre áreas desmatadas, replantadas com café (MAACK, 1981).

Houve uma geada em 1955 que atrasou bastante o crescimento de Cianorte porque quando o café começou a querer produzir, a geada

⁸ Em geral, uma zona pioneira é caracterizada pela aceleração da expansão agrícola e pelo fluxo de uma forte corrente humana. Quando a agricultura e o povoamento provocam um “boom” ou “rush”. Então, os preços das terras se elevam, as matas são derrubadas, casas e ruas construídas, povoados e cidades “saltam da terra quase da noite para o dia e um espírito de arrojo e otimismo invade toda a população” (MONBEIG, 1984, p. 282).

de 55 levou tudo no chão. Tudo na cova de novo e a cidade deu uma paralisada até o café voltar a produzir. Em 1963, teve outra geadada [...] após a geadada teve uma seca violenta. Em seguida começou a aparecer muita queimada por aí, pelos sítios. [...] a geadada e seca violentas foram em 1975⁹ (CIOFF *et al.*, 1995, pp. 34-36).

Até 1963, o café era a grande fonte de renda do município e responsável pelo desenvolvimento de todos os setores (CIOFF *et al.*, 1995). Dos 19.130.000 cafeeiros existentes, a geadada destruiu 15.304.000 pés na noite de 7 a 8 de agosto de 1963, atingindo 80% das plantações (MAACK, 1981). Foi uma geadada de média intensidade, porém muito extensa e com repercussão nacional. Seguiram-se três meses de seca acompanhada de incêndios no meio rural, que atingiram pastagens, matas e cafezais (POZZOBON, 2006).

O solo com menor qualidade em nutrientes, por se tratar em parte proveniente do arenito caiuíá, as fortes geadadas e a política econômica voltada para as culturas mecanizadas de exportação, configuraram situações mais difíceis de serem enfrentadas por Cianorte que a outros municípios anteriormente colonizados, como Londrina e Maringá. Apesar de ter sido muito importante, a duração do ciclo cafeeiro foi menor do que em outros núcleos da CMNP, perdurando de 1953 a 1975 (BATALIOTI, 2004).

O cotidiano no sítio da Cariaçu

Nas narrativas da fase adulta, observamos a construção da identidade de Braz Ponce Martins como pioneiro participante do processo de colonização do norte do Paraná. Destacamos as adversidades que ele enfrenta ao se tornar pequeno proprietário, chefe de família e morador da recém-fundada Cianorte, com o objetivo de analisar sua rotina de trabalho, na zona rural, entre as décadas de 1950 e 1960.

E como viviam os primeiros agricultores do norte do Paraná? Não encontramos uma bibliografia considerável a este respeito. Pozzobon (2006, p. 13) observa que “embora muito tivesse sido escrito a respeito dos homens que construíram as cidades do norte do Paraná, pouco tinha sido relatado a respeito de quem desbravou a região,

⁹ Síntese dos depoimentos de Maurício Cossich e Maria de Lourdes de Melo Favilla.

plantou o café e tornou possível a edificação de um dos maiores empreendimentos já registrados na história do Brasil: a construção da cafeicultura paranaense”.

Neste sentido, a autobiografia de Braz Ponce Martins é uma fonte histórica relevante. Pois, são preciosas as descrições de como adquire as terras, o local, a extensão, as formas de pagamento, desbravamento das matas, tipo de vegetação da região e estabelecimento na propriedade. Como são construídas as casas, o modo como é iniciada a plantação do café, como é feita a contratação de mão de obra (empreiteiros, colonos, parceiros, “porcentageiros”, “boias-frias”). Além de fazer referências aos nascentes centros urbanos.

O sitiante de café do norte do Paraná era o pequeno agricultor que, ou já possuía terra ou trabalhava como colono nas fazendas de café em São Paulo, e era atraído pela propaganda e pelo “picareta” (corretor) que percorria o interior. A intensa propaganda enfatizava as potencialidades da região, a fertilidade do solo, a ausência de pragas (saúva), a certeza da transação legalizada e a compra facilitada (POZZOBOM, 2006). As empresas de colonização ofereciam condições relativamente fáceis de compras de terras, porque sabiam que sua clientela eram pessoas de recursos financeiros limitados (STOLCKE, 1986).

O futuro proprietário era recebido pela colonizadora que o encaminhava através de estradas precárias e “picadas” (trilhas), até o lote a ser adquirido. Lá chegando, ele observava a vegetação natural constituída de árvores indicativas da fertilidade do solo, examinava a topografia do terreno, água do ribeirão, a área destinada à criação e o local para a construção da futura residência. Os melhores locais (espigões) eram reservados para a instalação da lavoura de café. Inicialmente, construía-se um rancho de palmito, que servia de moradia para a família que era trazida logo em seguida (POZZOBOM, 2006).

O sonho de Braz era ser cafeicultor. Para realizá-lo, contava com a “mínima parte”, lote de 07 alqueires desmembrados da Fazenda São Manoel, em Rolândia, herdada de seu pai. “Em 1951, tomei posse e coloquei como porcentageiro¹⁰ o Augusto

¹⁰ O “porcentageiro”, mais conhecido como parceiro, era o chefe de família remunerado por porcentagem. Geralmente, era proprietário de parte dos instrumentos de trabalho e utilizava uma área para criar animais e produzir alimentos para o consumo. O parceiro era sócio na produção, executava todos os serviços do cafezal, inclusive colheita e secagem, fazia plantio

Fernandes Martins, meu primo” (PONCE MARTINS, 2003, p. 34). Nesta época, Braz trabalhava num escritório em Londrina e seu irmão Guilherme cuidava de sua propriedade, sendo que o mesmo articulou a compra dos lotes no patrimônio Cianorte:

Enquanto fui empregado, zelou da minha parte e entregava a minha produção para o comércio e repartia sempre as porcentagens de acordo. Na nossa primeira safra cafeeira em 1952, quando resolvemos comprar mais terras, foi ele quem se debateu para lá para cá. Na compra dos quatro lotes no Cariaçu, o melhor lote que ele escolheu foi o meu, o lote nº 376. Em 1953, quando plantamos o primeiro cafezal, foi ele que combinou com o Paulo Lemos, para formar as quase 24.000 covas (PONCE MARTINS, 2003, p. 66).

Por intermédio de corretores, Braz e seus irmãos adquiriram 39 alqueires na região de Cianorte. Conforme a escritura que a CMNP fez em favor de Braz Ponce Martins, o lote de terras número 376, com área de 10 alqueires paulistas, correspondentes a 242.000,000 m², sem benfeitorias, localizado na Gleba do Ribeirão São Tomé, foi vendido em 29 de agosto de 1952, pelo valor de Cr\$120.000,00. “Então, no dia 29 de agosto de 1952, não trabalhei no bendito escritório, dando o primeiro passo para a liberdade, pensando nas minhas raízes e em ser fazendeiro de café” (PONCE MARTINS, 2003, p. 51).

Em 1952, a sétima e mínima parte produziu bastante café. Guilherme procurava propriedades agrícolas perto de Londrina para comprar. Apareceu um “picareta”, o Solano Lopes. Ele estava associado com um corretor de Apucarana, vendendo terras da Cia. na nova frente, além de Ivaí e Terra Boa. Eu, como era empregado, não podia deixar o serviço. Guilherme foi autorizado a marcar um bom lote para mim, para Carmen e Indalécio, que eram menores de idade. Andou para cá e para lá, mas nada de achar coisa boa, até os corretores mostraram os lotes da estrada Cariaçu. Quatro lotes para nós, dois para os Arianos, e um para o primo Augusto, que era meu porcentageiro na mínima parte. Foi marcado o dia 29 de agosto de 1952 para fazerem os contratos e pagar a primeira prestação. Mas antes disso, os corretores inventaram que aquelas terras eram para serem vendidas a agricultores da região de Apucarana. Com essa farsa, pagamos Cr\$1.000,00 a mais por alqueire. Nós pagamos Cr\$12.000,00 por alqueire para a Cia. Para comprar os lotes para os menores de idade foram usados “testas de ferro” que no mesmo dia em Apucarana,

intercalar e recebia 40% da produção como remuneração pelos serviços prestados (POZZOBOM, 2006).

transferiram as terras para mim e para o Guilherme (PONCE MARTINS, 2003, pp. 50-51).

Braz relata a primeira visita que fez à propriedade comprada no patrimônio de Cianorte, no atual município de São Tomé. Destacando a fertilidade do solo, verificada pela quantidade de palmitos encontrados na mata. O fato de existirem poucos cafezais, por ser uma zona recém-aberta. E descreve a Avenida São Paulo, antes de Cianorte ser fundada.

Depois de termos comprado as terras da Cariaçu, viemos pela primeira vez visitá-las. Foi no primeiro domingo de setembro, ou 7 de setembro de 1952. Como eu era empregado, não podia viajar em dias úteis. Com exceção do Guilherme, ninguém conhecia a gleba. Nós fomos com o carro de praça do Antônio, um bom doginho, viemos em seis pessoas. Tio José Martins, o especialista em matéria de terras boas: “se tiver palmito a terra é boa”. [...] No primeiro passo que dei para entrar na picada, dei de cara com uma cobra cascavel com oito anos, então me afastei e o Antônio veio com o revólver, deu cinco tiros nela, mas não a matou, precisou alguém pegar um pedaço de pau e acabar de matá-la. [...] Eu, Manuel e Indalécio, descemos pelas nossas divisas, lindo mato, puro palmital. [...] Naquela época, só havia café recém-plantado na fazenda Marília, perto de Vidigal, o resto era tudo mato. Nós voltamos novamente em outro domingo [...]. Andamos por tudo novamente, e depois passamos pela avenida São Paulo, que naquele tempo era tudo mato, indo para Terra Boa e Jussara. A entrada era pela avenida, já existia o valo da estrada de ferro e havia uma placa da Cia. Melhoramentos Norte do Paraná: “Aqui, futuramente Patrimônio de Cianorte” (PONCE MARTINS, 2003, pp. 51-52).

Na ânsia de plantar café, Braz e seu primo Augusto, que havia comprado sete alqueires, derrubaram a metade da mata de seus lotes, onde couberam 25 mil covas, e contrataram um único formador, o senhor Paulo Lemos. Para preparar as covas, Braz contou com auxílio de um senhor, o qual não menciona o nome, que trabalhou no Instituto Agrônomo de Campinas, na seção de café e nas fazendas dos Lunardelli. “Dizia ele: você é um rapaz novo, procure plantar o teu futuro café bem plantado”.

Seguindo sua orientação, Braz mandou fazer covas de 45 cm por 30 cm de largura numa profundidade de 30 cm mais ou menos. “Quando a coveação começou a ser feita, tive que pagar Cr\$3,00 por unidade, o preço das covinhas era Cr\$1,50. Alguns transeuntes falavam que o Sr. Brazinho ia plantar bananas” (PONCE MARTINS, 2003, p. 68).

O Augusto e mais os vizinhos resolveram cultivar toda a sua área. Aí começa a verdadeira história de pioneirismo de nosso primo e sua família. Deixa o Elefante (Rolândia) e muda-se para o seu pedaço de terra, constrói a casa com telhas e cercas de tábuas e não mata-juntadas, e com piso de terra batida, mas a família fica amparada e dá início ao cultivo de café. [...] em seguida, ele e outros sitiantes fizeram uma campanha e construíram a escola rural, as professoras se hospedavam em sua casa. Portanto, é impossível esquecer a bondade daqueles Pioneiros da Cariaçu (PONCE MARTINS, 2003, p. 113).

Em janeiro de 1954, Braz aproveitou as férias para visitar o novo sítio. “Saímos de casa bem cedo e chegamos a Cianorte ao meio-dia. Almoçamos no Hotel Cianorte, diziam que era da Cia. E ficava no redondo da Praça 26 de julho. [...] chegamos ao sítio, o nosso café já saia das covas” (PONCE MARTINS, 2003, p. 58). Devido às dificuldades que as estradas apresentavam, era preciso ter um ponto de apoio; assim a CMNP construía os hotéis e os arrendava. Na implantação de Cianorte, a Companhia construiu de imediato um hotel que era o ponto de apoio para os clientes que chegavam para ver seus lotes e não podiam fazer isso em um só dia (CIOFF *et al.*, 1995).

No caminho de volta, a caminhonete enguiçou em Paiçandu. Antônio e seu filho Reinaldo partiram para Londrina e deixaram Braz sozinho com o carro na mecânica. “Já era tarde, quase noite, quando cheguei em Maringá, fui direto para o hotel onde a gente costumava repousar. O hotel era de um nipônico, boa gente. Pedi um lugarzinho para descansar, expliquei a ele que não possuía dinheiro algum. Ele arrumou na dispensa uns panos velhos e ali passei a noite”. No dia seguinte, Braz deu palmitos ao dono do hotel em agradecimento e voltou para Londrina. Gastou Cr\$750,00 no conserto do veículo. No mesmo ano, vendeu o “fordinho” a um japonês (PONCE MARTINS, 2003, p. 59).

Em 1958, Braz derrubou o mato que beirava o ribeirão do lote 376, onde construiu uma casa de madeira. “Em 1959, me casei e mudei para Cianorte”. Depois de casados, Braz e a esposa, Mariana Gonçalves Marin, foram morar neste lote, denominado Sítio Brasília, mais conhecido como sítio da Cariaçu. “Eu e Mariana trabalhamos muito. Ela também era do meio rural e seus pais também eram de origem espanhola. Uns dois anos antes de nossa união, eles pegaram a reforma de café que

outros empreiteiros colonos tinham abandonado. Pegaram 6.250 covas minhas e mais 5.000 covas do nosso irmão Guilherme” (PONCE MARTINS, 2003, p. 67).

Os três alqueires e meio de matas restantes do lote n.º 376, foram derrubados pelos filhos do primo Augusto, em 1960. “A família do Augusto me ajudou muito, após a queima do mato, eles ajudaram na descoivaração e no alinhamento das ruas e covas dos cafeeiros” (PONCE MARTINS, 2003, p. 68). Augusto não conseguiu formar cafezal e vendeu seus sete alqueires a Antônio, irmão de Braz. Os parceiros do sítio eram o senhor Manuel Pestana e sua mulher Dona Cícera, que costumava “surrupiar” verduras do canteiro de dona Mariana. Nesta época, Braz realizou várias benfeitorias ao redor de sua casa no sítio: garagem, galinheiro, paiol e um mangueirão de lascas para porcos.

Existia uma grande gurucaia ao redor de nossa casa, ela tinha um metro de diâmetro. Mande os meus cunhados cortarem em toras de 1,20m de comprimento, depois, eu mesmo rachei as toras e as suas lascas deram para cercar um retângulo de 20x30m, onde comecei a criar porcos. No poço de água de nossa serventia, também fiz uma cobertura como proteção para o lugar de lavar roupa e forno. Nessa época, como caminhoneiro e ex-auxiliar de escritório, palpites é o que não faltavam. Porém, a minha vontade de aprender a fazer a infraestrutura rural era muito grande e o meu amor próprio era tanto que gostaria de fazer errando o que tinha que realizar. Eu escrevi: Sei errar sozinho. Não preciso de palpites. Parece-me que a coisa funcionou e graças a Deus, venci. Digo, vencemos, porque a Mariana bastante ajudou (PONCE MARTINS, 2003, pp. 70-71).

Em seis de abril de 1960, nasceu Ramon, o primeiro filho de Braz e Mariana. “Mariana e sua mãe, já haviam combinado com uma parteira para fazer o serviço de parto. [...] Saí de baixo de uma grande chuva acompanhada de belos trovões, cheguei na dita cuja, mas ela estava muito gripada [...], então me indicou uma parteira mais além. Tendo-a localizado, fomos para casa e de manhã cedo, a criança nasceu”. Foi quando Braz comprou sua primeira vaca, a “Beleza”, “e deu ótimo resultado, mãe e filho engordaram” (PONCE MARTINS, 2003, p. 71).

Em 31 de março de 1961, o casal teve seu segundo filho, Gines. “Nasceu numa semana santa, chovia bastante também. A nossa mãe e o Indalécio passaram alguns dias em casa, então foi ela mesma a parteira” (PONCE MARTINS, 2003, pp. 71-72). Com o crescimento da família, Braz teve suas responsabilidades aumentadas.

Precisei me dedicar à marcenaria. Primeiro fiz o berço e logo em seguida uma cadeira para Ramonzinho ficar à altura da mesa para sua mãe alimentá-lo com sopa de legumes com mais facilidade. Nessas alturas já tinha feito uma horta [...] puxava água do poço para o nosso consumo, animais e horta. Sacrifício é o que nunca faltou pra nós. Passamos uns três anos numa penúria danada. Vendemos o caminhão em 13 de maio de 1960, passamos mais três anos movidos à força animal. Nesse ínterim, comprei um galo Legorne e nós já possuíamos um belo plantel de galinhas [...] verdadeiras fábrica de ovos. Como não havia ovos de granja, os nossos eram bem aceitos, tinha convênio com a quitanda do “Miroi”, um oriental. Nunca uma freguesa dele reclamou. Todas as semanas entregávamos até 20 dúzias de ovos, recolhidos e limpos por mim [...]. Tive o capricho de anotar todas as vendas de ovos que fiz durante um ano. Daria para pagar um alqueire, daqueles que comprei em Jesuítas (PONCE MARTINS, 2003, pp. 71-72).

Em 1963, as finanças melhoraram. “Em 13 de fevereiro de 1963, troquei minha parte no Elefante pelo lote 378 que era da minha irmã Carmen. Em minha opinião, ganhei, porque, em vez de 6,5 alqueires, peguei 8 (PONCE MARTINS, 2003, p. 72). Conforme a escritura, o lote n.º 378 com área de 08 alqueires paulistas, sem benfeitorias, foi comprado de Antônio Dias dos Santos Pinto e Carmem Ponce Pinto, por Cr\$200.000,000, em 12/05/1964.¹¹ Assim que adquiriu este lote, Braz derrubou a mata, vendeu a madeira e plantou 3000 covas de café, que acabaram sendo destruídos por uma geada. “De 2 para 3 anos ocorreu geada, queimando-os até as raízes, aí pude observar que a região era baixa para café”. Plantei pasto e nessa época comprei um bom gado do irmão Manuel” (PONCE MARTINS, 2003, p. 82).

As crianças brincavam livremente pelo sítio, acompanhavam os pais na rotina de trabalho e às vezes sofriam acidentes. Gostavam de andar em meio à lavoura: “um dia Ramonzinho foi pular um toco ainda com o pente e machucou a testa”. E no mangueirão dos porcos: “tinha um cachacinho mui bonzinho, os dois montavam nele [...], parece que ele estava namorando uma leitoa e deu uma carreira nos dois, no Gines a mordida parece que pegou no calção e no Ramon tirou um naco da cocha. Serviu de lição para os mesmos. Quando porco namora leitoa, não adianta entrar no chiqueiro comendo broa” (PONCE MARTINS, 2003, p. 88). Braz narra em detalhes as peripécias de seus filhos:

¹¹ TABELIONATO TAQUES, Londrina, registro de 12/05/1964, livro n.º 84-N, folhas 59-620/y.

Uma do Gines: uma vez carregava café para ser entregue, o menino estava na carroceria na tampa lateral e eu perto dele contava os sacos que o veículo ia carregar. Jogaram um saco de café com bastante força na lateral, onde o Gines estava. O menino se desequilibrou e ia caindo para fora, no chão. Eu, de imediato, o agarrei não o deixando cair fora do caminhão. Outra dos dois: uma vez vendi café para um pessoal de Japurá e tinha que receber lá. Enquanto recebia o dinheiro, os dois meninos mexiam no cofre e não adiantava ralar de controle remoto, eu precisei ir lá e dar um puxãozinho de orelha em cada um. Outra do Ramonzinho, na tulha do lado da garagem, arroz e feijão eram guardados numas caixas. A do feijão era um pouco menor, ambos brincavam naquelas caixas. O Ramonzinho começou a reclamar de dor de ouvido. Levei-o na farmácia em São Tomé, o moço da farmácia olha que olha no ouvido do menino. – Pingue esse remédio e ele logo ficará bom. Passou mais um dia e nada da criança melhorar. Olhei bem e vi que tinha um grão de feijão no ouvido doente, tentei tirar, não consegui. Trouxe o mesmo para o pronto socorro do Hospital São Paulo, [...] já estava nascendo. O médico não era lavrador, mas arrancou o feijão com a maior facilidade. Têm outras [...]. Coisas que ocorreram na infância são de muita importância (PONCE MARTINS, 2003, pp. 88-91).

Braz e Mariana tiveram quatro filhos. Todos nasceram no lote n.º 376 do sítio da Cariaçu. Roberto nasceu no dia 09/06/1966, por intermédio da prima Elvira, irmã do compadre Augusto. E Márcio nasceu no dia 11/10/1967. “A parteira foi a Dona Catarina, parente dos Milani de Vidigal” (PONCE MARTINS, 2003, p. 88).

Braz convidou seu cunhado Alcides Gonçalves para cuidar dos porcos e das outras criações do sítio. “Os empreiteiros mudaram-se para São Paulo, ficaram alguns volantes e eu resolvi tratar o café por minha conta”. Como a safra de 1969 prometia ser rentável, Braz combinou com o seu cunhado “[...] dele controlar a colheita, puxar e secar o café, recebendo uma porcentagem de 10% do total colhido”. Dois anos depois, Alcides se casou, comprou uma vaca e muitos móveis. “No tempo que trabalhou com a gente não se saiu muito mal não. Em novembro de 1973, a família Franco pegou todo o cafezal disponível, 12.500 covas” (PONCE MARTINS, 2003, pp. 90-91).

A mudança para a cidade encerra as narrativas acerca do cotidiano da família Ponce no sítio da Cariaçu. A causa do deslocamento foi a preocupação de Braz com a educação de seus filhos. “O Ramon e o Gines fizeram o primeiro ano na Escola da Cariaçu, a filha do Pedro Peres, o vendeiro, era quem dava aula. Logo depois, veio um professor que não tinha dom, os meninos poucos aprendiam” (PONCE MARTINS, 2003,

p. 89). Gines conta que na Escola Rural, as séries ficavam reunidas em uma mesma sala. O professor dividia o quadro em quatro partes e ele também copiava os conteúdos do segundo, terceiro e quarto anos.¹²

Braz investiu na educação de seus filhos. E orgulhava-se por todos possuírem curso superior. “Gines formou-se Engenheiro Civil pela Universidade Federal do Paraná e o Ramon Engenheiro Agrônomo pela Faculdade de Bandeirantes [...]. O Roberto também se formou Eng. Eletricista pela UFPR, em Curitiba. Márcio [...] formou-se em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá” (PONCE MARTINS, 2003, p. 90).

Pouco antes de se mudar para a cidade, Braz anexou outro lote ao sítio. “Em 29/08/69 comprei 2,5 alqueires, fazendo fundo com o lote 378 para o aumento das pastagens” (PONCE MARTINS, 2003, p. 86). Trata-se do lote n.º 343 adquirido da CMNP, por Cr\$50.000,00, de escritura lavrada em 18/11/1969.¹³

Aos lotes mencionados, acrescentam-se os 377, 379, 341, 342, 342-A, destinados à cafeicultura e os 343-A, 344, 340-A, 333, 390, para pastagens e cultivo de cana-de-açúcar, adquiridos entre 1973 e 1984. Todos os lotes são pequenos, com área entre 02 e 10 alqueires paulistas, confirmando o tipo de loteamento realizado pela CMNP. A junção dos lotes da estrada Cariaçu originou a Fazenda Guaritá, atualmente com 65 alqueires.

Essas aquisições se inserem na nova conjuntura econômica dos anos 60, 70 e 80, que assinalou a volta da concentração fundiária. Neste contexto, o norte do Paraná se tornou um polo dispersor de populações. Muitos pequenos proprietários se desfizeram de seus lotes, em decorrência de crises na cafeicultura, geadas, modernização da agricultura, dentre outros fatores (BATALIOTI, 2004).

Segundo Serra (1991), o processo de ocupação e exploração da terra nos anos 60 em diante é marcado por duas tendências. Uma, patrocinada pela classe empresarial e emergente no campo, que opta em fazer investimentos pesados em cima da área pioneira, objetivando a formação de lavouras de café, a cultura predominante na região norte, em padrões mais racionais, a fim de melhorar a qualidade e o rendimento da colheita, com maior retorno financeiro ao produtor.

¹² PONCE MARTINS, Gines. Entrevista concedida a Gelise C. Ponce Martins. Cianorte, 01/07/2012.

¹³ TABELIONATO MORI, Cianorte, registro de 18/11/1969, livro n.º 90-N, folha 90-N, folha 38.

Outra, patrocinada pela classe fundiária tradicional, que opta em continuar incorporando terras de terceiros, conseguindo o crescimento horizontal da área pioneira. Em função destas duas tendências, duas classes se definem no Paraná: uma constituída de proprietários rurais e de latifundiários e outra de empregados rurais, com pouca chance de atingir a posse da terra.

Apesar de não fazer parte da classe fundiária tradicional, Braz optou pela expansão horizontal de suas terras, ao adquirir propriedades vizinhas e comprar terras em outras frentes pioneiras.¹⁴ Somente em 1995, decidiu investir em novas tecnologias, quando iniciou a plantação de café adensado. Embora seja um emergente, não se pode incluí-lo nesta classe empresarial. Na realidade, Braz não se encaixa em nenhum dos grupos elencados por Serra, mas, sim, na categoria de sitiante proposta por Pozzobon.

A categoria de sitiante¹⁵ de café teve seu apogeu nos anos 50 e 60 e foi uma das responsáveis pelas grandes transformações observadas na economia agrícola estadual. A importância social da pequena propriedade consistia no fato de ser geradora de renda e empregadora de mão de obra que era exigida em grande quantidade. O sitiante era o antigo colono das fazendas ou pequeno proprietário no estado de São Paulo, em geral, imigrante ou descendente, chefe de numerosa família, cujos membros constituíam força de trabalho e exerciam, por formação cultural, forte pressão no sentido de ampliar as atividades enquanto agricultores, fator este que os fez se transferirem para o Paraná (POZZOBON, 2006).

Quando os primeiros sítiantes compravam a terra, formavam seus cafezais com mão de obra familiar. Formado o sítio, com os rendimentos da produção, compravam mais outro, instalando um membro da família ou contratando empreiteiros. Pozzobon (2006) observa que, nas décadas de 1950 e 1960, houve um período de acumulação, que proporcionou aos sítiantes adquirir diversas propriedades. Em pouco tempo, os chefes de família se transferiam para as cidades, passando a administrar suas

¹⁴ Braz adquiriu a Fazendinha Santa Cruz da Colonizadora SINOP, em Jesuítas, no oeste do Paraná. Comprou outras propriedades em São Lourenço, nas proximidades de Cianorte, e no Mato Grosso. Ao longo de sua vida, chegou a adquirir 415 hectares no Paraná e 1250 hectares no Mato Grosso.

¹⁵ "Sitiante" é aquele que tem seu rendimento básico a partir da atividade agrícola praticada em pequenas propriedades, utilizando ou não a força de trabalho da família. (POZZOBON, 2006).

propriedades e melhorando seu padrão de vida. De simples proprietários familiares, passaram a proprietários capitalistas. A terra de trabalho transformou-se em terra de negócio. Centenas de “sitiantes” passaram a “sitiantes urbanos” revelando um traço distinto do segmento, intimamente ligado à terra.¹⁶

Considerações finais

Demostramos como Braz realizou seu sonho de se tornar proprietário de terras. Graças à “mínima parte”, os setes alqueires herdados de seu pai, que assumiu em 1951, começou a acumular pecúlio a fim de adquirir outras propriedades. De início, Braz continuou morando na cidade de Londrina e deixou seu primo Augusto como “porcenteiro” na pequena propriedade em Rolândia. No ano de 1952, seus irmãos adquiriram pequenos lotes da CMNP na região de Cianorte, hoje São Tomé. E reservaram o lote 376 para Braz. Em 1959, Braz se casou com Mariana Gonçalves Martins e se mudou para o lote 376, a fim de plantar café. E, a partir de então, expandiu suas propriedades.

Após narrar todos os percalços enfrentados para se tornar proprietário de terras, Braz conclui suas memórias, pedindo aos filhos que nunca vendam a Fazenda Guaritá, por ter sido o local onde constituiu sua família e realizou o sonho de se tornar cafeicultor como seu pai. “[...] procurai pelo amor de Deus e pelo amor a natureza, nunca destruir esta pequena mata, a casa que vocês filhos nasceram. Orientai os vossos descendentes a não venderem de maneira alguma e se possível, construir ou usar as dependências já existentes para um simples museu ou ponto turístico” (PONCE MARTINS, 2003, p. 122).

Ao final do livro, percebemos que Braz se orgulha de ter participado do processo de colonização do norte do Paraná, ao solicitar que seu primeiro sítio se torne um patrimônio histórico. Portanto, ele visa tornar o lote 376, um lugar de

¹⁶ Mas é evidente que isso não aconteceu com todos eles. Muitos sitiantes viram seu patrimônio reduzido em função do esgotamento do solo, geadas, legislação trabalhista, preços, etc. Outros ingressaram na moderna agricultura mecanizada, adquiriram áreas anexas ou áreas mais extensas em Mato Grosso ou Rondônia, tornando-se fazendeiros, assimilando as transformações da estrutura produtiva. Em síntese, constituíram sociedades familiares, redefiniram ou ampliaram sua área, comprando sítios vizinhos, vendendo outros ou se deslocando para as novas frentes de colonização (POZZOBON, 2006).

memória. “Inicialmente, é preciso ter vontade de memória. [...] a razão fundamental de um lugar de memória é fazer parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imobilizar a morte, materializar o imaterial [...]” (NORA, 1993, p. 22).

Concluimos que, em virtude de a herança historiográfica nacional constituir-se em função de problemas que implicam o desprezo pelo estudo de particularidades regionais e o repúdio à consideração do papel dos indivíduos na produção dos processos históricos (DIAS; ROLLO GONÇALVES, 2009), não existem muitas pesquisas sobre personagens pouco conhecidos, o que torna este tipo de resgate e enfoque memorialístico uma necessidade e uma experiência inovadora (CUNHA, 2009). Portanto, *Memorial de um Século de Cafeicultores* (2003) é uma fonte privilegiada.

Bibliografia

ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina, 1930/1960*. Assis, Dissertação de mestrado, UNESP, 1992.

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. O norte novo do Paraná. In: *Grandes regiões e grandes pioneiros*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1995.

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. Londrina: EDUEL, 1998.

BATALIOTI, Telma. *Cianorte: ocupação pioneira, modernização da agricultura e impactos sócio-espaciais*. Maringá, Dissertação de Mestrado, UEM, 2004.

BELLOTTO, Manoel Lelo. A Imigração Espanhola no Brasil. Estado do fluxo migratório para o Estado de São Paulo (1931-1936). *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel Aviv-Israel, v. 3, n. 2, pp. 59-73, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CIOFFI, Helena; PRAXEDES, Irene; VARELLA, Izaura; MESQUITA, Wilma. *Cianorte. Sua história contada pelos pioneiros*. Cianorte: Gráfica Ideal, 1995.

- CHIZZOTTI, Antônio. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*. São Paulo: Ave Maria, 1975.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. Entre a memória e a história. In: PRIORI, Ângelo (org.) *História Memória e Patrimônio*. Maringá: EDUEM, 2009.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- MAACK, Reinhard. *Geografia Física do Estado do Paraná*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros em São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1984.
- NORA, Pierre. Entre a Memória e a História. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dezembro, 1993.
- POZZOBON, Irineu. *A epopeia do café no Paraná*. Londrina: Grafmarke, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.
- PONCE MARTINS, Gelise Cristine. *As relações cotidianas de uma comunidade de cafeicultores nas memórias de Braz Ponce Martins (1897-1975)*. Maringá, Dissertação de mestrado, UEM, 2012.
- PONCE MARTINS, Braz. *Memorial de um Século de Cafeicultores*. Cianorte: Gráfica e Editora Bacon Ltda., 2003.
- SANTOS, Antônio César de Almeida. *Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história*. Curitiba: DAP, 2005 (texto para discussão).
- RAMALHO, Priscila. A história em detalhes. *Revista Escola*, São Paulo, Editora Abril, pp. 26-28, julho, 2002.
- ROLLO GONÇALVES, José Henrique (orgs.). *Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999.
- SERRA, Elpidio. *Processos de ocupação e a luta pela terra agrícola no Paraná*. Rio Claro, Tese de Doutorado, UNESP, 1991.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura. Homens, mulheres e capital (1850-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TOMAZI, Nelson Dacio. *“Norte do Paraná”: História e Fantasmagorias*. Curitiba, Tese de Doutorado, UFPR, 1997.